

Memórias consolidadas e silenciadas na revista “Ivatuba Progresso Constante”

*Consolidated and silenced memories in the magazine “Ivatuba Progresso
Constante”*

João Paulo Pacheco Rodrigues

Universidade Estadual de Maringá – Maringá – Paraná – Brasil

Resumo: No ano de 1985, a pedido do então prefeito de Ivatuba (Paraná), Adolfo Semprebom, o jornalista londrinense Antônio Padilha escreveu e organizou uma revista sobre a história denominada de oficial do município. No presente artigo, é apresentada uma análise sobre esta publicação buscando compreender a construção de alguns discursos sobre a memória coletiva de Ivatuba, sob a ótica do “pioneiro”, considerado agente fundamental e percussor da ocupação e expansão da cidade. Nesse sentido, tornou-se fundamental atentar para os “não-ditos” como, por exemplo, a presença de indígenas, a rápida devastação da cobertura vegetal na região e suas implicações para o ambiente.

Palavras-chave: memórias, pioneirismo e história regional.

Abstract: In 1985, at the request of the then mayor of Ivatuba (Paraná), Adolfo Semprebom, London journalist Antônio Padilha wrote and organized a magazine about the history called the official of the municipality. In this article, an analysis of this publication is presented, seeking to understand the construction of some speeches about the collective memory of Ivatuba, from the perspective of the “pioneer”, considered a fundamental agent and a pioneer of the occupation and expansion of the city. In this sense, it became essential to pay attention to the “unspoken”, such as, for example, the presence of indigenous people, the rapid devastation of the vegetation cover in the region and its implications for the environment.

Keywords: memories, pioneerism and regional history.

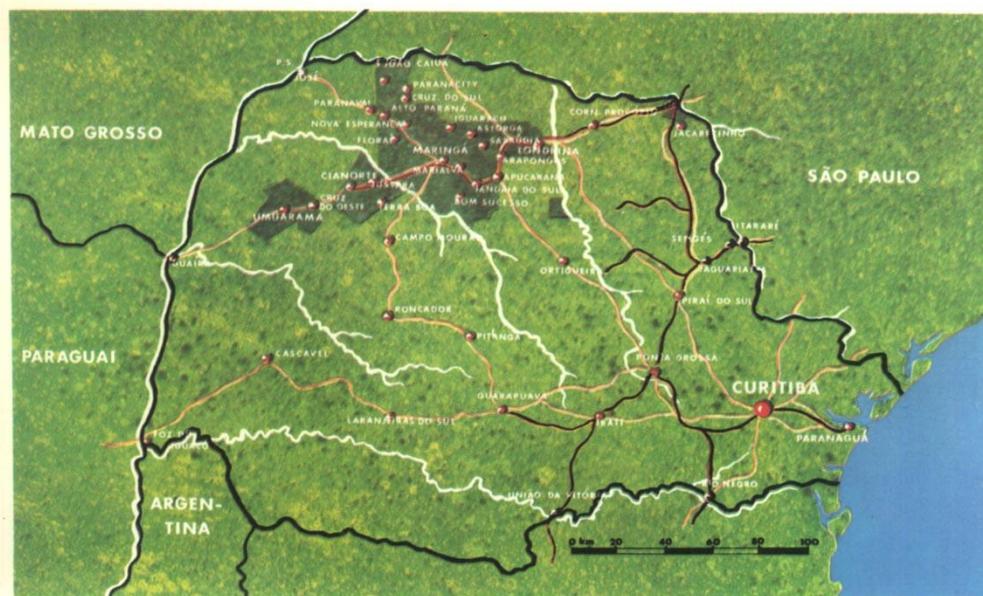
Introdução

Ivatuba esta localizada na região norte do Paraná e a 468 km da capital, Curitiba. O município fez parte do processo de reocupação que avançou a passos rápidos em meados do século XX. O norte paranaense, conforme já apontam consistentes pesquisas sobre o tema, já era local de ocupação humana há muito tempo. Conforme aponta Mota, o lugar já era ocupado por populações indígenas há cerca de 8 mil anos, podendo mesmo chegar a 13 mil anos (MOTA, 2005).

A região também passou por expedições de reconhecimento militar e reduções jesuíticas ao longo do tempo, chegando ao século 20 com algumas áreas ocupadas por agricultores. Entretanto, a partir da década de 1930, passa por um processo de parcelamento, comercialização e ocupação do solo de modo mais ofensivo, a chamada ocupação capitalista. A partir desta década, com a atuação de companhias de colonização, entre elas a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que viria a se tornar a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), em meados de 1940.

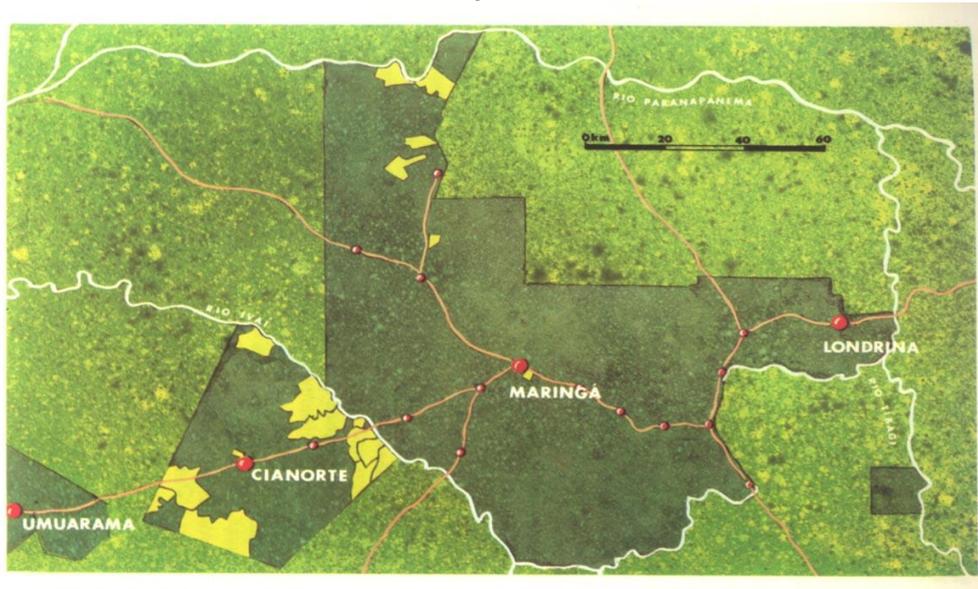
Por meio da atuação desta empresa imobiliária grande parte de sua área foi sendo re-ocupada, com a plantação de extensos cafezais substituindo a mata e a implantação de ferrovias, rodovias e fundação de cidades (TOMAZI, 2000). Conforme mostra o mapa a seguir, tal avanço se inicia na cidade de Londrina, a partir de 1930 e persiste até meados da década de 1950.

Figura 1 - Mapa da ocupação do norte paranaense, mostrando a implantação da rede de cidades, a ferrovia e as estrada



Fonte: CMNP, 1975

Figura 2 - A ocupação da região norte paranaense, com destaque para a área comercializada pela CTNP/CMNP



Fonte: CMNP, 1975

A Frente Pioneira de Expansão, na região de Ivatuba.

Ivatuba, assim como centenas de pequenas cidades da região norte paranaense, são frutos deste processo de ocupação. Segundo Rodrigues e Pelegrini (2014), o efetivo loteamento da cidade de Ivatuba ocorreu após a aquisição da faixa de terras próxima ao Rio Ivaí por parte da empresa Pareja e Cia Ltda, comercializada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Em 1949, o catarinense Primo Francisco Mazzuco e o italiano, radicado em Gravatal-SC Estevão Grasso, adquiriram uma faixa de terras da referida loteadora e fundaram a Grasso e Mazzuco Ltda. Na Revista “Ivatuba Progresso Constante” de Antônio Padilha, Mazzuco, nascido em Urussanga-SC, é tratado como um senhor aventureiro e de visão futurista. O autor menciona o catarinense como um dos principais “desbravadores” que enfrentaram o “sertão bruto” e a “mata virgem”. Na mesma publicação, Grasso é mencionado como o principal fundador de Ivatuba, o periódico menciona os grandes feitos do italiano na região e destaca as doações de terrenos para a Igreja Católica e para os principais órgãos públicos.

No mesmo ano, os dois “empreendedores” passaram a revender as primeiras propriedades rurais para as famílias vindas do Norte do Estado de Santa Catarina. Assim como a CTNP/CMNP, esta companhia menor utilizava a propaganda como chamariz, amparada em dois aspectos: o primeiro sobre a fertilidade do solo, a terra roxa, segundo a empresa seria extremamente produtivo para o cultivo dos mais variados produtos; o segundo aspecto pode ser relacionado com a presença do Rio Ivaí na região, pois muitos migrantes se deslumbravam com a possibilidade de adquirir estas terras próximas ao rio, pois este auxiliaria a implantação das lavouras de cafés, cedendo água e principalmente, legitimando a fertilidade do solo.

Para Rodrigues e Pelegrini (2014) os primeiros registros dos fundadores da cidade datam 19 de agosto de 1949, quando os catarinenses, nascidos em Nova Veneza, Santo Presa e Leonildo Coral, compraram um sítio de 7 alqueires destinados para o cultivo do café. No mesmo ano, Francisco Zampronio, natural de Ararangua-SC, adquiriu uma pequena propriedade próxima ao sítio Água Paiçandu.

Em 1950, migraram as primeiras famílias procedentes do estado de São Paulo, entre as quais Padilha (1981) menciona os senhores Antonio Acetti, natural de Ituverava, José Dante nascido em Guairá-SP, Silvestre Dante, oriundo de São José do Rio Pardo-SP. e Eduardo Rodrigues Garcia, proveniente de Ibarra-SP.

Em 11 de julho de 1951, o povoado foi elevado a distrito de Maringá. Em 25 de julho de 1960, elevado a município, e em 18 de novembro de 1961 realizou-se oficialmente a instalação solene com a posse do primeiro prefeito eleito, o agricultor Vander Ribeiro, natural de Campina Grande do Sul, Paraná.

No decorrer da década de 1960 centenas de famílias naturais destes dois estados e interessadas no cultivo da lavoura de café, migraram para a região. Este movimento também esteve presente durante a ocupação do norte do Paraná, compreendendo assim uma frente pioneira de expansão.

Segundo Luz (1997), antes da ação da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná, no início do século XX, a região já apresentava um relativo fluxo migratório, principalmente dos produtores de café do estado de São Paulo.

Desde o início deste século, a procura de “terras roxas”, mais férteis e rentáveis, os programas de defesa do café, bem como o incentivo levado a efeito pelo governo estadual, provocaram uma notável expansão dos cafezais no Paraná. Além disso, a proibição do plantio em São Paulo e em outros estados e o declínio da produção dos cafezais nas regiões de lavouras mais antigas contribuíram para que muitos fazendeiros buscassem as terras paranaenses, próprias para o café e ainda não sujeitas às restrições ao seu plantio. (LUZ, 1997, p.14)

No entanto, após a atuação da Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná observamos um progresso da frente pioneira de expansão na ocupação da região onde hoje esta situada Ivatuba. Luz (1997) menciona como consequência deste processo um relativo aumento no número de fazendas de café do tipo tradicional paulista, além do crescimento da população no território paranaense.

Em 1960, a densidade demográfica do estado era de 21,5 hab./km², nas regiões do norte e oeste, onde a ocupação ainda estava se solidificando o número já era de 33,4 hab./km². Segundo Luz (1997), pelo censo demográfico do mesmo ano, havia 162 cidades no estado, das quais 48 com uma massa populacional maior a cinco mil habitantes, sendo que 27 dessas na região norte do Paraná

Se nas décadas de 1950 e 1960 predominaram no norte do estado o fluxo migratório, principalmente da região de São Paulo, em Ivatuba, podemos constatar algumas disparidades quanto a este processo.

Ao analisar o periódico “Ivatuba Progresso Constante”, observamos que a grande maioria das famílias mencionadas na revista teve origem no estado paulista e principalmente em Santa Catarina. Esta nuance provavelmente deve-se ao fato dos fundadores da companhia Mazzuco e Grasso Ltda, serem de origem catarinense, o que favoreceu a venda de lotes da região para seus conterrâneos. Outro aspecto que deve ser levado em consideração é o de que a maioria das famílias que migravam para região traziam consigo diversos outros grupos de mesmo parentesco.

Como exemplo disso, podemos destacar os senhores Santo Presa, em 1949, Olívio e Paulo Presa no mesmo ano e Olinto Presa em 1952, todos naturais de Nova Veneza. Igualmente os agricultores Fridolino Michelis, em 1952 e Hugo Evaristo Michelis, em 1955, oriundos de Criciúma, Santa Catarina.

Cabe ressaltar que, embora a maioria das famílias que migravam para a região tivessem como objetivo a aquisição de sítios e lotes para a produção cafeeira, esta não foi a única atividade econômica desenvolvida no território. Padilha (1985) menciona o catarinense Aurélio Semprebom como um dos primeiros comerciantes locais ainda no começo da década de 1950, bem como o senhor José Bendo, na construção da primeira Cerâmica da região em 1951, período na qual Ivatuba ainda se firmava como um vilarejo.

Assim, observamos que as fronteiras agrárias foram determinantes para a re-ocupação da região de Ivatuba. Pois a cafeicultura neste período foi o principal fator para a migração destas populações. Segundo Nadir Cancian (1977), após a segunda guerra mundial a produção cafeeira sofreu algumas mudanças, com o aumento dos preços do café e o deslocamento do centro de produção de São Paulo para o Paraná, principalmente no norte do estado (Norte Novo em 1951, Norte Novíssimo em 1962 e em 1965 novamente o Norte Novo), onde se configurou como o maior centro dinâmico da atividade. Cabe ressaltar que a região de Ivatuba, está situada no Norte Novo do estado, conforme observamos no mapa abaixo.

Cancian (1977) compreende estes centros dinâmicos, como áreas onde a produção já estava estabelecida ou sofria algum declínio;

A expansão cafeeira foi sempre acompanhada de um movimento dinâmico, que compreendia uma área onde o café estava penetrando, uma em que se encontrava plenamente em produção e outra, decadente, onde a agricultura se achava em declínio. Daí a existência de centros dinâmicos onde a cafeicultura se encontrava momentaneamente no apogeu. (CANCIAN, 1997, p. 291)

cidade. Tal aspecto revela que provavelmente, tal trabalho, feito por encomenda, era financiado e promovido por estas mesmas famílias, contempladas em suas páginas.

A revista exibe capa colorida, no qual repousa o brasão da cidade junto com três palavras, ao lado: história, pioneiros e atualidades. Tais designações também marcarão o teor do conteúdo e o enfoque da publicação. Conforme se observa na imagem abaixo, está presente ainda o slogan da administração municipal, em destaque (Trabalho e União - Administração Adolfo Semprebom); em seu canto esquerdo, o símbolo da distribuidora de combustível Shell e, do outro lado, um desenho de um aperto de mão, fazendo alusão aos dizeres de união da então administração.

Figura 4 - Capa da revista “Ivatuba Progresso Constante”



Fonte: Acervo João E.G. Rodrigues

A referida publicação possui um total de 47 páginas, divididas conforme descrevemos abaixo. Logo na segunda página, os **Dados Gerais do Município**. Neste item, é informando o número de habitantes (2.838, em 1985), extensão territorial equivalente a 93.599 km²; também são encontrados nestas páginas outros dados como informações sobre o clima (predomina o clima quente e seco), o tipo de solo (latos solo roxo distrófico (especifico para agricultura), data de fundação (1949), formação do distrito e emancipação.

A revista traz ainda informações sobre a instalação solene em 18 de novembro de 1961, o número de estabelecimentos comerciais (17), a quantidade de médicos e dentistas, hospitais, postos de combustíveis, farmácia, cerâmica, clube social. Nesta

verdadeira “radiografia” direcionada do município de Ivatuba, percebe-se ainda que todos estes citados serão tema de determinada matéria no decorrer da revista.

Na terceira e quarta páginas, temos o tópico **Um pouco da sua História**. Nesta parte, é narrada a história da região de Ivatuba, após a ação das companhias imobiliárias, em momentos distintos. Primeiramente, a Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná que comercializa esta parcela de terra com a empresa Pareja e Cia. Esta mesma faixa de terras depois foi, em parte, revendida para os senhores Primo Francisco Mazzuco e Estevão Grasso, formando a empresa Grasso e Mazzuco Ltda, que passou a lotear e revender o terreno para as famílias vindas de Santa Catarina e São Paulo.

A revista menciona os primeiros moradores e desbravadores da região, o primeiro ponto comercial e os responsáveis pela “abertura da mata” na área em que hoje se situa o município de Ivatuba, conforme se observa na citação abaixo:

As derrubadas na área urbana foram efetuadas pelos senhores Severino da Silvia (Velho Honório), Valdemar Alves Dias, Benedito Lima e outros. As terras de boa qualidade atraíam a cada dia mais e mais famílias oriundas dos mais diversos cantos do país. Os primeiros moradores da área urbana foram o Saudoso Santo Presa e Leonildo Coral, chegaram no dia 19/8/49, vindos de Santa Catarina e construíram seu primeiro ranchos. O primeiro comerciante do pequeno povoado que se iniciava foi o saudoso Aurélio Semprebom que instalou um pequeno armazém de secos e molhados e mercadorias em geral.

Ao lado das citações, imagens ilustram o discurso do pioneirismo e o processo de ocupação destes migrantes. Os primeiros moradores neste momento de ocupação da região aparecem como os “pioneiros”, retratados sempre envoltos da mata e carregados de instrumentos para domar a mesma, como enxada, pá, facão. Numa análise prévia, percebemos a existência de dois componentes presentes nas imagens: os instrumentos de trabalho e a árvore figueira.

O machado, enxada, facão podem ser considerados símbolos do trabalho, na condição que remetem a exploração da “mata virgem” e da natureza selvagem. A figueira pode ser relacionada à fertilidade do solo.

Figura 5 - Os primeiros migrantes da região



Fonte: Revista “Ivatuba Progresso Constante”

Figura 6 – Os primeiros migrantes de Ivatuba



Fonte: Revista “Ivatuba Progresso Constante”, Otavio Perin

Figura 7 - Os primeiros migrantes trabalhando para a companhia Grasso e Mazzuco Ltda



Fonte: Revista “Ivatuba Progresso Constante”

Para utilizar a imagem fotográfica como fonte histórica é necessário perceber, como afirma Boris Kossoy (2003), que a fotografia não deve ser analisada apenas a partir de sua imagem congelada, pois ela não é um reflexo do real. Ao analisar uma imagem, é crucial considerarmos que existe um inevitável laço entre o fotógrafo, a câmera e o

assunto tratado que, em última instância, resultam de representações diferenciadas do objeto e traduz a visão do mundo de quem capta as imagens.

Para Kossoy:

A fotografia é uma representação elaborada/cultural/estética/ tecnicamente e embora os fatos contidos no registro fotográfico estejam inseridos num contexto real, não podem ser compreendidas de forma isolada, desvinculadas do processo de construção da representação. (KOSSOY, 1998, p.43).

Segundo Peter Burke (1992), o uso da imagem como fonte de pesquisa pode enriquecer muito o conhecimento e a compreensão do passado, no entanto, exige extremo cuidado, o historiador ao analisar uma fotografia deve pesquisar as motivações do fotógrafo, as suas relações sociais e culturais, com qual finalidade e para quem a foto foi produzida. Sobre os cuidados que o historiador deve tomar ao utilizar a imagética como fonte de pesquisa histórica, Martine Joly afirma que o uso dessas pode acarretar num paradoxo curioso.

Por um lado temos as imagens de um que nos parece perfeitamente natural, que aparentemente não exige qualquer aprendizagem, e por outro temos a sensação de ser influenciados, de modo mais inconsciente do que consciente, pela perícia de alguns iniciados que nos podem manipular submergindo-se da nossa ingenuidade. (JOLY, 1994 p. 10).

Atentamos a discussão sobre a revista “Ivatuba Progresso Constante”. Preenchendo as páginas 5 e 30, a temática são os **Pioneiros e famílias tradicionais**, como diz o próprio subtítulo. É importante destacar que, neste título, a palavra “pioneiro” consta em letras garrafais, enaltecendo a importância destes para o processo de ocupação da região.

Nesta seção são retratados todos os considerados primeiros moradores do município com suas respectivas famílias. O registro sempre acontece por meio de uma fotografia do casal ou da família e, abaixo, um pequeno texto narrando a trajetória pessoal destes indivíduos

Além de uma pequena biografia sobre a vida de cada migrante, é mostrado sua árvore genealógica, partindo daqueles que nasceram no município. Este discurso pode ser compreendido como uma tentativa de legitimar a ideia da cidade como hospitaleira e próspera, na qual as famílias ali constituíram suas vidas, como se observa na citação a seguir:

Olinto Presa: Chegou em 1952, seu saudoso pai havia chegado em 1949. Sempre se dedicou à agricultura. É casado com Maria Coral Presa, tendo onze filhos: Leomar, Juarez, Lorival, Cesar, Sergio, Maria Goretti, Marilene, Santo, Mariestael, Rosemeri, Valdirene, sete casados, tendo 17 netos. Está com 62 anos de idade. (p. 13)

Saul Dandolini: Natural de Turvo-SC, filho de Humberto Dandolini e Luiza Angeloni Dandolini, chegou em 1951, na época era solteiro. Casou-se em 1954 com a senhora Maria Presa, filha do saudoso Santo Presa. Em 1960 adquiriu o estabelecimento comercial atual Bar e Merceria Dandolini. O casal tem 4 filhos: Divino é casado com Silvana Celestino, tendo o filho Willian

Memórias consolidadas e silenciadas na revista “Ivatuba Progresso Constante”

Henrique. Divino é escritor, poeta. É atual Secretário do Legislativo e suplente de Vereador. Gertrudes é casada com Armando Nodari, proprietário do Bar Esportes, tendo os filhos: Elizangela e Elizana. Alberto é casado com Clarice Oliveira, reside em Colorado e tem o filho Rodolfo Saul. Maria Luia é casada com Vitor Monteiro e reside em Campinas-SP. (Revista, p.14)

Na publicação os primeiros moradores da região são apresentados como pioneiros e desbravadores, sujeitos fundamentais para o povoamento e expansão da cidade. Segundo Tomazi (1999), esta denominação teve sua origem no início do processo de re-ocupação, na qual esta denominação de “pioneiros” seria uma maneira de enaltecer a figura de determinados indivíduos e depositar na ação de algumas pessoas a força da “pujança regional”.

Tomazi (1999) menciona o Sr. Álvaro L. Godoy, como um dos responsáveis pela formulação desta denominação que foi disseminada durante as décadas de 70 e 80 nos estudos históricos.

Pioneiros são homens que vêm de frente, descobrindo e destruindo os obstáculos, e preparando o caminho para a implantação da civilização. A chegada do pioneiro nos sertões ínvios, representa o início do progresso. O pioneiro vem para ficar quando se desloca, já traz a família e os haveres, quando os possui. Costumam também chamar de bandeirantes, porém, existe muita diferença. O bandeirante é nômade, viajam só homens e quando se detêm é porque encontraram algum obstáculo, e logo que transposto continuam a marcha, atrás de tesouros ou seja, fortunas rápidas. O pioneiro vem à procura de terra fértil, encontrando-a, planta sabendo que seu destino será chumbado àquela gleba, que com o passar dos dias se transforma em lugar sagrado para ele e sua família. Quanto mais ele sofre na sua gleba, mais amor ele lhe dedica, chegando ao ponto de ter ciúmes de seu rebanho, de sua rocinha e até das caças que povoam sua terra, e não raro, só a morte o arranca da gleba por ele desbravada¹.

Observamos neste momento um exemplo presente na revista “Ivatuba Progresso Constante” e como o discurso sobre a figura do “pioneiro” foi utilizado na publicação.

SAUDOSO PRIMO FRANCISCO MAZZUCO- Natural de Urussanga-SC, filho de Mariano Mazzuco e Teresa M. Mazzuco. Chegou em 1948 e juntamente com Estevo Grasso formou a empresa colonizadora de Ivatuba. Deu o Maximo de si pelo desenvolvimento de Ivatuba, enfrentando o sertão bruto e a mata virgem. Permaneceu no município até 1964, quando transferiu sua residência para Maringá onde foi brilhante vereador. Faleceu em 1967 deixou viúva a Sr Iria Margotti Mazzuco e seis filhos. Ao fundador Primo. F. Mazzuco, uma justa homenagem. (Revista, p.7)

Tomazi (1999) considera a existência deste personagem como fantasmagoricamente idealizado, ao ponto que silenciam todos aqueles funcionários da companhia, que derrubaram e construíram determinada região. No caso Ivatuba,

¹ In: ZORTEA, Alberto João. *Londrina através dos tempos e crônicas da vida: homenagem aos pioneiros*. São Paulo: Juriscredi, 1975. p. 52.

apenas os fundadores da companhia Grasso e Mazzuco Ltda são destaque no periódico, ocultando assim os agentes fundamentais no processo de ocupação.

Das páginas 31 até a página 34 são mostrados os feitos do **Poder Executivo e Legislativo**, citando as principais obras realizadas e os futuros convênios firmados com o governo estadual e federal. Há ainda uma rápida biografia do prefeito Adolfo Semprebom, ressaltando o esforço que o mesmo tem enfrentado para atingir as melhorias já alcançadas, como o número de postes de iluminação, aumento da frota de carros, ambulâncias, melhorias na estrada que liga Ivatuba aos municípios de Maringá e Floresta e um destaque especial ao citar o “entrosamento político e administrativo” com os dirigentes municipalistas da região.

Algumas imagens fecham com “chave-de-ouro”, parafraseando os políticos locais, os discursos textuais que apontavam as ações pró-ativas da prefeitura na busca por outros benefícios para os cidadãos ivaitubenses, como a limpeza das ruas, da praça central e pavimentação de alguns trechos do município. Tais recortes temáticos e a perspicácia na distribuição de imagens que acompanham as matérias demonstram e não deixam dúvida quanto ao principal patrocinador do periódico

A revista teve uma tiragem de mil exemplares, destes cerca de seiscentos foram doados para todas as famílias da cidade, em cerimônia especialmente organizada para que o prefeito as entregasse em mãos dos seus patriarcas. Centro e cinquenta exemplares foram destinados à Biblioteca Municipal e o restante foi destinado à divulgação promovida diretamente pela municipalidade. Tal procedimento, registrado em fotografias da época e também na fala do tesoureiro da prefeitura municipal nos anos oitenta do século XX, Sr. João E.G. Rodrigues, atestam que além dos políticos municipais, a revista recebeu recursos doados pelas famílias que teriam sido “devidamente” homenageadas na ocasião².

Considerações finais

Podemos constatar que Ivatuba, assim como as demais cidades, se configura como um pequeno núcleo urbano, disposto e uma zona rural com aproximadamente 96, 786 km². Este município teve como principal produto a cafeicultura, até a segunda metade do século XX, como uma prática agrícola que absorvia principalmente a mão-de-obra familiar, entrecortadas de outras culturas para sustento das respectivas famílias.

Durante o processo de re-ocupação da cidade, na segunda metade do século XX, podemos observar a presença da frente pioneira de expansão, pautada na produção cafeeira. Com um intenso fluxo migratório dos estados de São Paulo e Santa Catarina.

Essa ocupação enraizada nestas duas regiões aconteceu essencialmente por meio do avanço dos produtores paulistas que procuravam terras novas e baratas e sem

² Entrevista do sr. João E.G. Rodrigues, tesoureiro do município na época da publicação da revista, no dia 20 de julho de 2010.

restrições quanto ao plantio e também pelo fato dos fundadores da companhia Grasso e Mazzuco Ltda, serem naturais do estado catarinense, auxiliando a comercialização dos lotes para os seus conterrâneos.

No presente artigo, buscou-se também, realizar uma reflexão sobre os discursos e memórias referentes ao pioneirismo expresso e impresso na publicação “Ivatuba Progresso Constante”, na qual constatamos que a palavra escrita e as imagens aparecem, lado a lado, se complementando e atribuindo significados as vivências dos indivíduos em distintas temporalidades.

Chamaram-nos a atenção dois aspectos: por um lado, o fato de que esta revista omitiu qualquer tipo de referência a presença indígena naquela região, onde recentemente foram encontrados artefatos de sua cultura material em meio às plantações. E, por outro, a aparente disposição de menosprezar a rápida devastação da cobertura vegetal e suas implicações para o ambiente na atualidade. Mais do que isso, esse periódico reforçou entre a população residente e seus mais jovens descendentes a ideia de que a ocupação do norte paraense se deu de forma ordeira, harmoniosa, sem conflitos.

A construção da memória da denominada “frente pioneira” mantém-se, ainda hoje, enraizada e constitui um dos argumentos de “orgulho” e de sentido de pertença difundidos por políticos e demais munícipes em publicações de natureza semelhante a “Ivatuba Progresso Constante”, reverenciadas nas efemérides cívicas e demais datas comemorativas.

Cabe ressaltar que os embates entre a história e a memória constituem um impasse que acompanha os pesquisadores da área das ciências humanas desde longa data. Pelegrini e Delmonico, embasados nos pressupostos teóricos de Jacques Le Goff (2003), asseveram que a memória estabelece um “vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha”, fazendo um paralelo entre a “memória individual e coletiva” (Pelegrini; Delmonico, 2009, p. 4.315).

Sob esse prisma, Le Goff (2003) pondera que a memória é “mítica, deformada e anacrônica”. Mítica pois ela pode ser inventada de uma coisa que não existiu; deformada porque muitas vezes ela pode omitir ou aumentar algum aspecto; e anacrônica por não se utilizar o tempo, como uma cronologia – as lembranças simplesmente vêm à tona. As memórias preservadas estão relacionadas às tradições e aos valores culturais que unem os grupos que possuem identidades e interesses em comum. Logo, é crucial tomarmos as memórias como uma fonte a ser explorada pela história, por meio de registros de depoimentos ou da coleta de entrevistas.

Assim, constatou-se que os argumentos eleitos para compor a memória do município estão em consonância com a “imagem mítica” reservada aos primeiros moradores locais, qual seja, a do pioneiro aguerrido, desbravador e vencedor, ocultando-se a existência de outras memórias e histórias resultantes da luta pela terra e por um “lugar ao sol”.

Referências

- CANCIAN, Nadir. **Cafeicultura Paranense: 1900-1970**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo 1977.
- COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná**. Ave Maria, 1977.
- DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná: Estudos de História Regional**. Maringá: EDUEM, 1999.
- LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. p. 525-539.
- LUZ, France. **O Fenômeno Urbano numa zona pioneira: Maringá**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MOTA, Lucio Tadeu. **História do Paraná: ocupação humana e relações interculturais**. 1. ed. Maringá: EDUEM, 2005.
- NEIVA, Artur Hehl. A imigração na política brasileira de povoamento. **Boletim Geográfico**. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro: 8 (86): 151-183, maio, 1950.
- PADILHA, Antônio. **Ivatuba Progresso Constante**. Londrina: Traço Publicações, 1985.
- PELEGRINI, Sandra C. A.; DELMONICO, Renato. **Patrimônio e apropriação popular na arquitetura modernista residencial de Maringá**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4, 2009, Maringá: Anais... UEM/PPH/DHI, 2009. v. 1. p. 4.314-4.323. 1 CD.
- PELEGRINI, Sandra C. A e RODRIGUES, João P. P. **Ivatuba: História, memória e tradição paranaense**. Unicorpore: Maringá. 2014.
- STEINKE, Rosana. **Ruas curvas versus ruas retas: A trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira**. 1. ed. Maringá Paraná: Eduem Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2007.
- TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná História e Fantasmagorias**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.
- VELHO, Otavio Guilherme. **“Frentes de expansão e estruturas Agrárias”**. Editora Zahar, Rio de Janeiro. 1981.
- ZORTEA, Alberto João. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida: homenagem aos pioneiros**. São Paulo: Juriscredi, 1975.

Sobre o autor:

João Paulo Pacheco Rodrigues, Universidade Estadual de Maringá – Maringá – Paraná – Brasil. Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá (2019), Mestre em História pela mesma (2012), Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes-RJ (2015). Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2007). Tem experiência na área de História , com ênfase em História do Brasil, História do Paraná e Patrimônio Cultural. Email: joapacheco2210@hotmail.com